

Dados de mercado	05/03	31/03
	Aberto	Fechado
USD - BRL*	5,88	5,70
EUR - BRL*	6,27	6,16
GBP - BRL*	7,56	7,36

Principais pontos de Março

▪ **Preços dos Alimentos: Vão Cair ou Subir?** O governo brasileiro anunciou a eliminação das tarifas de importação sobre nove itens alimentícios essenciais, incluindo carne, café, açúcar e milho, com o objetivo de reduzir os preços ao consumidor em meio à alta dos custos de alimentos. Além disso, a guerra comercial em andamento entre EUA e China deve beneficiar o setor agrícola brasileiro, com o aumento da demanda chinesa potencialmente impulsionando as exportações de soja, algodão, carne bovina e frango. No entanto, esse aumento pode gerar alta nos preços internos dos alimentos, ampliando as pressões inflacionárias existentes.

▪ **Tensões Comerciais Sacodem os Mercados Globais** - A semana foi dominada pela intensificação das tensões comerciais entre EUA e China, com uma série de tarifas e retaliações culminando no anúncio de Trump de tarifas de 125%. Os mercados reagiram com forte volatilidade — perdas iniciais acentuadas deram lugar a um alívio temporário após a implementação de uma moratória tarifária de 90 dias para países não-retaliadores. Apesar da pausa, o clima de cautela permaneceu dominante. As bolsas oscilaram drasticamente, e o ouro continuou subindo à medida que investidores buscaram proteção em meio ao caos.

▪ **A Dívida Pode Ser um Problema?** O aumento e o encarecimento da dívida pública estão enfraquecendo a capacidade do Banco Central de controlar a inflação via taxa de juros. Analistas esperam que a Selic chegue a 14,25% na próxima reunião. Ex-diretores do BC alertam que, sem políticas fiscais mais rígidas, a inflação pode se agravar, exigindo novos aumentos na taxa de juros.

▪ **O Fed Mantém o Mistério** - O banco central dos EUA manteve sua comunicação vaga, mais uma vez. Novas tarifas de 25% sobre importações de automóveis entram em vigor em abril, e o cenário de crescimento econômico continua nebuloso. Sinais mistos sobre inflação, PIB e confiança do consumidor mantêm os mercados em suspense, mas o risco de recessão aumentou, o que ainda pode abrir caminho para cortes de juros mais à frente neste ano.

▪ **O BRL acumula alta de 8.8% em relação ao USD em 2025. ***

▪ **O índice IBOVESPA subiu 8.6% em 2025***

O índice IBOVESPA subiu 3.1% em 2025*

▪ **[BCB FOCUS Report. – Expectativas do Mercado – 2025, 2026, 2027, 2028.](#)**

Fique de olho este mês:

- Decisões sobre Comércio e Tarifas – Global
- Inflação PCE Núcleo – EUA

The Long View

Os dados econômicos globais recentes perderam protagonismo, ofuscados pelas tarifas generalizadas impostas pela administração Trump. A política comercial tornou-se a variável mais importante para os mercados globais, superando os indicadores macroeconômicos tradicionais. Embora os holofotes permaneçam firmemente voltados para a ofensiva comercial dos EUA, os mercados eventualmente mudarão o foco para como as empresas — tanto globalmente quanto no Brasil — estão se adaptando a essa nova era de protecionismo americano. Uma surpresa positiva na política americana poderia desencadear uma forte recuperação, mas, por enquanto, é os EUA contra o resto do mundo.

Choque comercial dos EUA redefine os mercados globais

Nos primeiros 100 dias, a nova administração dos EUA impôs tarifas comerciais abrangentes que abalaram os mercados e redefiniram o risco global. O que muitos viam como tática de negociação passou a ser percebido como uma mudança estratégica mais profunda — um plano para reduzir a dependência da China, restaurar a base industrial americana e afirmar a soberania econômica. As consequências foram rápidas: quedas acentuadas nos mercados, aumento nas expectativas de inflação e enfraquecimento do dólar, à medida que investidores passaram a questionar o rumo do crescimento americano. Essa nova doutrina econômica tem lógica, mas a execução tem sido caótica, forçando uma reavaliação do apetite por ativos dos EUA.

Existe estratégia por trás da disrupção?

Por trás do barulho dos mercados, pode haver método. Os objetivos da administração — desde a reindustrialização até a segurança nas cadeias de suprimentos — refletem preocupações mais profundas expostas pela pandemia e por conflitos geopolíticos recentes. Grandes empresas dos EUA estão comprometendo bilhões na produção doméstica, embora os prazos e os riscos permaneçam altos. A grande dúvida é se os EUA conseguirão passar por esse renascimento industrial sem provocar inflação elevada ou perder competitividade. Com a expectativa de queda nas taxas de juros e o enfraquecimento dos rendimentos reais, o papel do dólar como principal moeda de reserva global está sendo sutilmente — mas significativamente — desafiado.

Brasil: aproveitando a maré global — Mas até quando?

O Brasil se beneficiou dessa mudança de cenário. O real se valorizou para cerca de R\$ 5,62/USD no início de abril, perto do seu nível mais forte desde outubro de 2024, impulsionado por juros em alta, atividade doméstica sólida e otimismo do mercado quanto ao papel do país em um sistema comercial global mais fragmentado. A posição geopolítica equilibrada do Brasil, sua base de commodities e localização estratégica o colocam como candidato a captar fluxos de 'nearshoring' — se conseguir manter a estabilidade macroeconômica. Mas a inflação em alta (agora em 5,48%), juros perto de 15% e o enfraquecimento fiscal geram riscos reais. Uma desaceleração global causada por choques tarifários pode testar a resiliência do real.

Política doméstica e o ponto de inflexão de 2026

No plano interno, o Brasil entra em uma fase precoce de articulação eleitoral. A aprovação do presidente Lula segue em queda, e medidas populistas — como a redução de tarifas de alimentos — sinalizam o início informal da campanha. O superávit projetado pelo governo para 2026 foi recebido com ceticismo, já que o mercado ainda se lembra dos tropeços fiscais do fim de 2024. A credibilidade do Banco Central permanece intacta, mas o embate entre política fiscal e monetária está se acirrando. A aliança do ministro Haddad com Lula, e sua relutância em enfrentar questões fiscais difíceis, indicam que o caminho à frente pode mais uma vez ser orientado politicamente, em vez de estruturalmente. Enquanto isso, o ex-presidente Jair Bolsonaro continua pressionando o Congresso por uma lei de anistia que o isentaria de responsabilidade pelos eventos de 8 de janeiro de 2023 — medida que abriria caminho para uma possível candidatura em 2026. Por ora, porém, as chances de votação são mínimas.

The Long View

O Real, o Carry Trade e os Fluxos de Capital

Apesar da volatilidade global, o real tem mostrado resiliência surpreendente, impulsionado pelo diferencial positivo de juros e pela estabilidade do mercado de trabalho e da atividade econômica. No entanto, essa força tem limites. Qualquer deterioração nos termos de troca — especialmente com menor demanda da China ou nova onda protecionista dos EUA — pode reverter os fluxos de capital rapidamente. Enquanto ativos em reais continuam atraentes para investidores baseados em dólar, o cenário é mais incerto para quem investe em libra ou euro. Se o dólar passar por um declínio estrutural prolongado, tanto a libra quanto o euro podem se fortalecer como parte de uma tendência mais ampla de desdolarização — limitando os ganhos do real quando medidos nessas moedas.

Uma Nova Era — Mas Quem Sai Ganhando?

Este pode ser um ponto de virada na ordem global do pós-guerra — com os EUA, voluntariamente, se afastando do sistema multilateral que antes liderava. O resultado é um ambiente mais fragmentado e imprevisível, com menos vencedores claros. Para o Brasil, a oportunidade é real — apresentar-se como um parceiro confiável e estrategicamente neutro, com potencial de longo prazo. Mas o sucesso dependerá do surgimento de uma liderança credível em 2026, capaz de navegar esse novo mundo. Até lá, o potencial do país pode continuar limitado por indecisões internas — mesmo com a maré global soprando a seu favor.

*Preços corretos no momento da escrita.

Fontes: BCB, Trading Economics, IGBE, Trading View.

O Monthly Brief e 'The Long View' são apenas para fins informativos.

Estas são as opiniões da VNCFX e não representam investimento ou aconselhamento financeiro.

Os leitores são avisados de que o material aqui contido deve ser usado apenas para fins informativos. Como editor de um boletim informativo com base financeira de circulação geral e regular, não podemos oferecer consultoria de investimento individual. Sob nenhuma circunstância seremos responsáveis por quaisquer perdas, custos ou despesas diretas ou indiretas, nem por qualquer perda de lucro que resulte do conteúdo deste relatório ou de qualquer material nele contido ou links de sites ou referências nele incorporados. Desempenho e previsões anteriores não devem ser tratados como um guia confiável de desempenho ou resultados futuros; retornos futuros não são garantidos; e uma perda de capital original pode ocorrer.

Proactive FX Solutions

Key Takeaways from March

Lower or higher food prices? The Brazilian government announced the elimination of import tariffs on nine essential food items, including meat, coffee, sugar, and corn, aiming to reduce consumer prices amid rising food costs. Additionally, the ongoing U.S.-China trade war is expected to benefit Brazil's agricultural sector, with increased Chinese demand potentially boosting exports of soy, cotton, beef, and chicken. However, this surge may lead to higher domestic food prices, adding to existing inflationary pressures.

▪ **Trade tensions whip through global markets** The week was dominated by intensifying U.S.-China trade tensions, with a flurry of tariffs and retaliations culminating in Trump's announcement of 125% levies. Markets responded with wild swings—initial sharp losses gave way to a temporary reprieve following a 90-day tariff moratorium for non-retaliating nations. Despite the pause, caution remained the dominant mood. Equities see-sawed dramatically, and Gold continued to rise as investors sought a haven amidst the chaos.

▪ **Could debt be a problem?** Rising and costlier public debt is weakening the Central Bank's ability to control inflation through interest rates. Analysts expect the Selic rate to reach 14.25% in the next meeting. Former BC directors warn that without stronger fiscal policies, inflation could worsen, requiring further rate hikes.

▪ **Fed stays mysterious** The US Central bank kept things vague, again. New 25% tariffs on auto imports drop in April, and the growth picture remains cloudy. Mixed signals from inflation, GDP, and consumer confidence still have markets guessing, but recession risk has risen which should still pave the way for some interest rate cuts later in the year.

- The BRL is 8.8% up against the USD in 2025*
- The IBOVESPA stock index is up 8.6% in 2025*

▪ **The BRL is 8.1% up against the USD in 2025***

▪ **The IBOVESPA stock index is up 3.1% in 2025***

▪ [BCB FOCUS Report. – Median Market Expectations - 2025, 2026, 2027, 2028](#)

What to Watch in April:

- Trade and Tariff Decisions – Global
- Core PCE Inflation - USA

The Long View

Recent global economic data has taken a back seat, overshadowed by the sweeping tariffs imposed by the Trump administration. Trade policy has become the single most important variable for global markets, eclipsing traditional macro indicators. While the spotlight remains firmly on the escalating U.S. trade offensive, markets will eventually shift focus toward how companies - both globally and in Brazil - are adapting to this new era of proposed US protectionism. A positive policy surprise from the U.S. could spark a major rally, but for now, it's the U.S. versus the world.

U.S. trade shock resets global markets

In just its first 100 days, the new U.S. administration has unleashed sweeping trade tariffs that have rattled markets and redefined global risk. What many once saw as a negotiating tactic is now being viewed as a deeper strategic shift — a plan to reduce dependence on China, restore the U.S. industrial base, and assert economic sovereignty. The fallout has been swift: sharp market sell-offs, higher inflation fears, and a weakening USD, as investors begin to question the long-term trajectory of U.S. growth. This emerging economic doctrine is not without logic, but the execution has been chaotic, forcing global investors to reconsider exposure to U.S. assets.

Is there a strategy behind the disruption?

Behind the market noise, there may be method. The administration's goals — from reshoring production to securing supply chains for critical goods — reflect deeper concerns exposed during the pandemic and recent geopolitical conflicts. Major U.S. firms are committing billions to domestic manufacturing, though timelines and risks remain high. The broader question is whether the U.S. can undergo this industrial revival without stoking inflation or undermining competitiveness. As interest rate expectations soften, and with real yields under pressure, the USD's role as the dominant global reserve currency is being subtly — but meaningfully — challenged.

Brazil: riding external shifts, but for how long?

Brazil has benefited from the shifting tides. The BRL appreciated to around 5.62/USD by early April, near its strongest level since October 2024, supported by rising interest rates, strong domestic activity, and investor optimism about Brazil's role in a more fragmented global trade system. Brazil's balanced geopolitical stance, commodity base, and regional positioning give it a chance to capture nearshoring flows — if it can maintain macro stability. But rising inflation (now at 5.48%), the prospect of almost 15% interest rates, and a deteriorating fiscal outlook pose real risks. A global slowdown due to tariff shocks could test the resilience of the recent BRL rally.

Domestic politics and the 2026 pivot

Domestically, Brazil is entering an early phase of electoral positioning. President Lula's approval ratings continue to fall, and populist signals — such as food tariff cuts — suggest the campaign has unofficially begun. The governments projected 2026 surplus was met with scepticism, as markets remember the fiscal missteps of late 2024. Central Bank credibility remains intact, but tension between fiscal and monetary policy is mounting. Minister Haddad's alignment with Lula, and hesitance to confront hard fiscal questions, suggest the road ahead may once again be politically driven rather than structurally grounded. Former President Jair Bolsonaro continues to lobby Congress for an amnesty law that would absolve him of responsibility for the events of January 8, 2023 — a move that could clear the way for a potential 2026 presidential run. For now, however, the chances of the bill reaching a vote appear slim.

The BRL, carry trades, and capital flows

Despite global volatility, the BRL has shown surprising resilience, driven by a favourable interest rate differential and Brazil's stable employment and activity data. However, this resilience has limits. Any deterioration in the terms of trade — especially from weaker Chinese demand or further U.S. protectionism — could reverse capital flows quickly. While BRL assets remain appealing to USD-based investors, the outlook is more complex for those in GBP or EUR. If the USD undergoes a sustained structural decline, both the euro and the pound could strengthen as part of a broader de-dollarization trend — limiting BRL gains when measured in those currencies.

The Long View

A new Era - But who wins?

This may well be a turning point in the post-war global order — with the U.S. willingly stepping away from the multilateral system it once led. The result is a more fractured and unpredictable environment, with fewer obvious winners. For Brazil, the opportunity is real — to present itself as a reliable, strategically neutral partner with long-term upside. But success depends on the emergence of credible leadership in 2026, one capable of navigating this new world. Until then, Brazil's upside may remain capped by domestic indecision — even as global sentiment shifts in its favour.

*Prices correct at time of writing

Sources: BCB, Trading Economics, IGBE, Trading View

VNCFX Monthly Brief and 'The Long View' are for informational purposes only.

These are the views of VNCFX and do not represent investment or financial advice.

Readers are advised that the material contained herein should be used solely for informational purposes. As a publisher of a financially based newsletter of general and regular circulation, we cannot tender individual investment advice. Under no circumstances shall we be liable for any direct or indirect losses, costs or expenses nor for any loss of profit that results from the content of this report or any material in it or website links or references embedded within it. Past performance and forecasts should not be treated as a reliable guide of future performance or results; future returns are not guaranteed; and a loss of original capital may occur.